

OLIVEIRA, Néelson Custódio de - Português ao Alcance de Todos, 4ª ed. Rio de Janeiro, 1965, 224 pp.

Quantos se preocupam com os problemas do ensino do Português no grau secundário, devem por certo alegrar-se com os esforços de renovação manifestados ultimamente através de freqüentes seminários e encontros de mestres, além da publicação de manuais escolares modernos.

É assim patente o cuidado em tirar o professoramento do idioma pátrio do marasmo a que tristemente o haviam condenado a rotina e a ausência de reflexões sérias sobre os resultados obtidos; situa-se nessa grata perspectiva a obra aqui resenhada, merecedora por mais de um título de nossos encômios por buscar aquela mesma renovação, expondo claramente a matéria e esmerando-se na apresentação gráfica. Eis por que nos apressamos a tecer aqui algumas considerações a seu respeito, no desejo de colaborar de algum modo na obra da reformulação do ensino.

Entre os pontos positivos de Português ao Alcance de Todos, destacamos o recurso a historietas utilizadas à guisa de "captatio benevolentiae", tais as das pp. 66 e 129; as exortações que precedem os capítulos deverão igualmente surtir bom efeito. Seja-nos lícito sugerir ao A. altere algumas delas, de efeito possivelmente negativo. Referimo-nos à frase inicial da p. 6 ("Ah! Já sei! Você não gosta de redação? Não tem mau gosto...") e à admissão de que os exercícios de conversão da voz ativa para a passiva visam embarçar o aluno (p. 61: "Mas, se quiserem criar-lhe algum embaraço, exigindo-lhe a substituição de uma pela outra, proceda assim...").

Anotamos já a excelência dos gráficos, destinados a levar o aluno mais facilmente à apreensão do que se quer ensinar; acreditamos entretanto que nas próximas edições se poderiam alterar ou suprimir alguns deles, pois parecem verdadeiros apelos à violência: à p. 5, por exemplo, a classe atira sobre um aluno que procedeu a uma leitura má toda sorte de frutas e até mesmo um livro! À p. 117 vêem-se dois quadrinhos; no primeiro, um estudante é elogiado perante a classe e no segundo "homenageiam-no" seus colegas com uma saraijada de papeluchos, acusações de "pegas na saída"; a professora, do lado, a tudo assiste com um sorriso de aparvalhada aprovação. Igualmente não atinamos com a razão pedagógica daquele Capitão Gancho no índice do volume; uma última observação quanto às ilustrações: conquanto não ignoremos o valor da repetição para a fixação das matérias, parece-nos exagerada a reprodução seqüente das mesmas gravuras, como a de pp. 26 (25 vezes!), 8 (4 vezes), 42 (2 vezes), 68 (5 vezes), 110 (3 vezes), 126 (3 vezes) e 134 (3 vezes).

Diccionario  
(1966) 3

São 38 páginas a mais, em custosa impressão em cores, e que poderiam ser evitadas confeccionando-se páginas desdobráveis que mantivessem sempre diante dos olhos do aluno o material desejado.

Examinemos agora o conteúdo propriamente dito, principiando pela economia interna do volume. A capitulação foi feita da seguinte forma: Leitura e Redação; Ortografia; Ortoepia; Classes de Palavras; sua função sintática; Análise Sintática da Oraçãõ; A Palavra Se; A Palavra Que; A Predicação dos Verbos; Uso da Vírgula; Os Conectivos; Análise Sintática do Período; Exercícios sobre o Emprêgo da Vírgula em Conexão com a Estrutura do Período; A Pontuação; Vícios de Linguagem; Crase; Uso de êsse/êste; Usode porque/por que; Uso de há/a; Regência Verbal; Colocação do Pronome Átono; Concordância Nominal e Verbal; Conjugação de Verbos Irregulares e Defectivos; O Tratamento; Formação de Palavras; Figuras de Sihtaxe e Linguagem Figurada; Emprêgo do Infinitigo Pessoal e Impessoal; Versificação; Vícios Aneufônicos; Emprêgo dos Tempos; Plural dos Compostos; Antonímia e Paronímia; Análise Fónética; Estilo; Temas para Redação; Antologia.

Creemos que teria sido aconselhável agrupar ~~uma~~ o que aqui vem disperso e que deveria constituir o núcleo do curso: as normas para a boa leitura e para a redação (pp. 5-6) e as observações sobre o estilo, o temário para redações e a pequena antologia (p. 188 e ss.). Tratando-se de livro inovador, sentimos muito à vontade para reclamar do A. dispense uma atenção maior a isto, quando retomar a matéria para uma reedição. Já era tempo de se tentar de um modo mais sistemático a introdução em nosso meio das técnicas de explicação de texto (ensaiadas pelos organizadores da coleção "Nossos Clássicos", da Agir, ainda que com tirocínio duvidoso pois descambam muitas vèzes para observações de natureza crítico-literária, inteiramente descabidas no nível secundário; recordem-se ainda os trabalhos de Naief Sáfy e Lázaro Carreter - Cecília de Lara), método êsse que tantos frutos tem produzido na Europa, buscando ao mesmo tempo dinamizar o ensino da redação. Não alcançaremos melhores resultado enquanto não nos compenetrarmos de que o objetivo maior do ensino do Português está em levar o aluno a ler e a expressar-se bem. O livro do Prof. Custódio de Oliveira poderia desempenhar um papel importante neste particular, furtando-se a ser apenas uma gramática eficiente e moderna tal como se nos mostra nesta quarta edição.

À p. 7, 3ª regra, diz o A. que o hífen deve ser repetido no início da linha sempre que começada por um pronome oblíquo átono. É ensinamento que vejo repetido em várias obras escolares; todavia, a maior autoridade brasileira em matéria ortográfica, Aurélio Buarque de Holanda, assim se expressa quanto ao assunto: "O Pequeno Vocabulário veda, tácitamente, a repetição do hífen. Não somente a ela não alude, ao mencionar os casos de emprêgo daquele sinal gráfico, mas também, em diversos luga-

res em que, nas "Instruções", vêm separados em fim de linha elementos de compostos, e, ainda, em duas outras circunstâncias em que seria igualmente admissível, e vantajosa, a reiteração do tirete, este só aparece uma vez". (Cf. o Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa de Laudelino Freire, 3ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1957, vol. V, p. 5280, nº 17; trata-se de apêndice redigido por Buarque de Holanda).

Nem sempre as regras da acentuação se apresentam de um modo recomendável; assim, à p. 8, as palavras côr, fôr, pôr (v.) são tidas como exceções à regra pela qual as palavras em -or não são acentuadas, quando se trata, em realidade, da extensão do emprêgo do acênto diferencial. E há muita lógica nisto! Noto neste mesmo local que se omitiu a regra da acentuação das seqüências aia, uia e dos tritongos abertos óia, éia; à p. 15, admite que palavras como apóio, pára, pôr (verbos) "contrariam alguma regra já estudada" (!), o que não é propriamente fazer-se claro... À p. 16 o mecanismo do uso do hífen após prefixo vem excessivamente simplificado, pois recomenda-se que "se a palavra não se inicia por vogal, h, r, ou s, não se pense nunca em hífen". E o caso da palavra extraordinário? indagará algum aluno mais atento. Tratando-se de matéria realmente complicada, melhor fôra recomendar a cada estudante organize uma ficha em que todos os casos fôssem sumariados, de acôrdo com a Lei de 1943, habitualmente reproduzida nos dicionários.

Sendo a ortografia uma questão de automatismo, devia o A. banir de seu livro os exercícios de correção da grafia (pp. 9 e ss., 19), adotando exclusivamente o critério de preenchimento de claros, tal como fêz à p. 13. Por que correr o risco de levar o aluno a gravar na memória a forma errada?

Bastante útil o gráfico da p. 26, com que se representam as diferentes funções sintáticas; lembro particularmente a comparação do verbo a um veículo, pois é o verbo o motor da oração. Igualmente louvável a adoção do critério funcional na investigação dos termos, prática recomendada por mais de um lingüista (vejam-se as considerações de E. Buysens sobre o sujeito, definido como o elemento que responde às perguntas "quem é que?", "que é quê?" - "Conception Fonctionnelle des Faits Linguistiques", in Grammaire et Psychologie, Paris, PUF, 1950, pp. 35-51). O mesmo não se pode dizer, entretanto, da forma recomendada para buscar o predicativo do sujeito, por coincidir com a do objeto direto, isto é, perguntar ao verbo "quem?", "o quê?" De resto, o predicativo não representa o objeto da ação verbal, e não seria necessário lembrá-lo aqui.

À p. 27 vem uma conceituação inaceitável de análise sintática: "analisar sintaticamente uma oração significa separar os seus diferentes termos e dar-lhes nomes, isto é, uma função"; parece-nos que se confundiu aqui função com terminologia, além do que não compete ao analista

"dar" funções, e sim descobri-las, reconhecê-las. A impropriedade de expressão vem repetida à p. 42.

É desnecessário o lembrete colocado ao pé da p. 30, momentaneamente porque apresenta o defeito de definir o termo pelo que ele não é: "o apóstrofo não aceita a interjeição ó", e com o vocativo "não é obrigatório o fundamental".

Em alguns pontos distanciou-se o A. desnecessariamente da Nomenclatura Gramatical Brasileira; diz "passiva participial" no lugar de "passiva com auxiliar" (pl 61) e "voz reflexa" em lugar de "voz reflexiva" (p. 176); denominação esta adotada por conformidade com os sufixos que figuram em "voz ativa" e "voz passiva" (cf. Antenor Nascentes - Comentários à Nomenclatura Gramatical Brasileira, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959, p. 21).

Quando aos conectivos (p. 69), teria sido interessante acentuar que as conjunções coordenativas ligam palavras ou orações de mesma natureza, enquanto que as subordinativas, assim como as preposições, subordinam palavras e orações,

Uma observação derradeira ao ensino da análise sintática neste livro: tem-se por vezes a impressão de que o A. está mais preocupado com as técnicas (quase diria os "truques") para a análise do período do que com levar o aluno à compreensão da estrutura frasal. A se confirmar a suspeição, teríamos no livro um reflexo pouco elogiável das muitas apostilas de português que pululam pelo país, <sup>mais</sup> interessadas na resolução de questões que entram habitualmente em concursos e exames vestibulares do que propriamente ~~em em aprem~~ no ensino do idioma. A dúvida assaltou-nos em diversas ocasiões, sobretudo quando notamos não aparecer nenhuma explicação acerca do período (p. 79) e das orações reduzidas (de que se principia pela de infinitivo, p. 95, mostrando-se-lhe o quadro completo apenas ~~em~~ à p. 97), entrando o A. de imediato nos aconselhamentos metodológicos, feitos aliás de modo capcioso: "Quando lhe derem um período para analisar, você deverá dividi-lo em orações, analisá-las (sic, grifos nossos) e classificá-las (p. 79)"; lembrei marginalmente que por duas vezes, às pp. 99 e 101, volta-se a definir a análise sintática como análise... Em suma, tememos que o aluno passe a ter uma visão inteiramente distorcida da natureza e significação dos períodos e das orações reduzidas, supondo-os meros aglomerados de palavras ana-

lisáveis, desde que se ~~pareça~~<sup>quedra</sup> determinado ritual. Oxalá se retome a matéria numa próxima edição, evitando-se o tom sêcamente técnico que se depreende dêstes capítulos!

No campo da Morfologia, adotou-se o termo "morfofos" para indicar o conjunto formado pela raiz, radical, prefixo, sufixo, vogal de ligação, consoante de ligação, vogal temática e desinências. O termo, sôbre ser de escasso uso, apresenta ainda o defeito de substituir outro, bastante em voga, que é "morfema". E nem se objete que tal designação tem conhecido uma variedade de definições, pois o que sôbre ela escreveram Vendryes, Bloomfield, Gleason e Trager/Smith unificam-se nisto que o morfema é a unidade morfológica mínima, podendo ser dotado de uma significação externa ou lexical (donde as designações "semantema", "semema") ou de uma significação interna, gramatical, concentrada nos afixos, vogais alternantes, etc. (Cf. J. Vendryes - Le Langage, Paris, Albin Michel, 1950, pp. 85-105 e "Semantema e Morfema", in Jornal de Filologia, III - 2, 128 e ss.; L. Bloomfield - Language, N.York, Henry Holt, 1958, p. 51 e ss.; George L. Trager e Henry L. Smith Jr. - An Outline of English Structure, 2nd. ~~nd~~ printing, Washington, American Council of Learned Societies, 1956, p. 53 e ss.; H.A. Gleason Jr. - An Introduction to Descriptive Linguistics, N.York, Henry Hold, 1960, p. 51 e ss.).

Duas últimas anotações gostaria de deixar consignadas: a falta de uma referência aos versos livres da poesia contemporânea ("Versificação", p. 170) e a compreensão como frequentativos de alguns verbos em -ejar como velejar ("ir com as velas repetidamente" - ibid. e navegar, nos quais é patente o esvaziamento do sentido iterativo comum a êsse sufixo. Evitará o A. nas próximas tiragens, além do mais, alguns deslizes tipográficos tais como "acentuam-se tôdas as palavras terminadas em -a, -e, -o mesmo seguidos de 's'" (p. 8) e a palavra "vultuoso" onde deve ser vultuoso (p. 108).

Trata-se, concluindo, de livro que prestará serviços aos que se mostram insatisfeitos com os atuais processos de ensino da língua; relembre-se a utilização dos gráficos, a apresentação geralmente clara e amena da matéria, ao que devem ser acrescentados a seleção de questões gramaticais de interesse (uso de há e a, porque e por que, êste e êsse), o excelente quadro dos verbos irregulares e defectivos da p. 142, a insistência no valor resultante da aprendizagem dos radicais gregos e latinos e suas derivações (p. 148 ess.) e, no capítulo referente ao emprêgo dos tempos, a consignação do futuro enfático e do futuro promissivo (p. 176).

Prof. Ayaliba T. de Castilho  
Departamento de Letras  
FFCL - Marília.

Observação: Já estava redigida esta resenha quando se publicou a quinta edição de Português ao Alcance de Todos. Introduziram-se na nova edição alguns gráficos muito felizes (tais os de pp. 64 e 126), havendo-se conservado a paginação da 4ª ed. A doutrina permaneceu a mesma.